

**PERCURSO GEOGRÁFICO SOB A ORIENTAÇÃO DE MARIA CÉLIA NUNES  
COELHO**

**GEOGRAPHICAL JOURNEY UNDER THE GUIDANCE OF MARIA CÉLIA NUNES  
COELHO**

**TRAYECTORIA GEOGRÁFICA BAJO LA ORIENTACIÓN DE MARIA CÉLIA  
NUNES COELHO**

João Marcio Palheta da Silva\*

**RESUMO**

O ensaio apresenta um relato reflexivo da trajetória acadêmica do autor em geografia, enfatizando a influência significativa de sua mentora, a pesquisadora e professora Maria Célia Nunes Coelho, e suas experiências na Universidade Federal do Pará (UFPA). Iniciando como pesquisador estudantil em 1991, o autor mergulha no âmbito da pesquisa geográfica, com trabalhos iniciais sobre os impactos do espaço agrário no Pará. Sua narrativa abrange a trajetória desde os estudos de graduação até os empreendimentos pós-doutorais, destacando projetos-chave como os impactos socioambientais da Ferrovia Carajás. O texto é tanto uma homenagem à Professora Maria Celia Nunes Coelho quanto um olhar introspectivo sobre o desenvolvimento científico acadêmico do autor como geógrafo, sublinhando o poder transformador da orientação acadêmica e a importância da geografia na compreensão e no enfrentamento de questões regionais e ambientais na Amazônia.

**Palavras-chave:** Jornada Acadêmica. Pesquisa Geográfica. Influência da Mentoria. Ferrovia Carajás. Região Amazônica.

**ABSTRACT**

The essay presents a reflective account of the author's academic journey in geography, emphasizing the significant influence of his mentor, researcher and professor Maria Célia Nunes Coelho, and his experiences at the Universidade Federal do Pará (UFPA). Beginning as a student researcher in 1991, the author delves into the realm of geographic research, with early work on the impacts of agrarian space in Pará. His narrative spans from undergraduate studies to postdoctoral endeavors, highlighting key projects like the socio-environmental impacts of the Carajás Railroad. The text serves both as a tribute to Professor Maria Celia Nunes Coelho and as an introspective look at the author's academic scientific development as a geographer, underscoring the transformative power of academic guidance and the importance of geography in understanding and addressing regional and environmental issues in the Amazon.

---

\* Professor Titular UFPA/Programa de Pós-Graduação em Geografia/Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública/Pesquisador do GAPTA/Professor Convidado no Instituto Politécnico de Beja/Portugal/Colaborador da Comissão de Relações Internacionais da OAB/Pará/Professor Convidado no Instituto de Educação em Segurança Pública/IESP/Estágio Pós Doutoral em Biodiversidade e Biotecnologia pela REDE BIONORTE MPEG/UFPA.

E-mail: [jmpalhetaufpa@gmail.com](mailto:jmpalhetaufpa@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0354-4639>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5356047514671129>.

**Keywords:** Academic Journey. Geographic Research. Mentorship Influence. Carajás Railroad. Amazon Region.

### **RESUMEN**

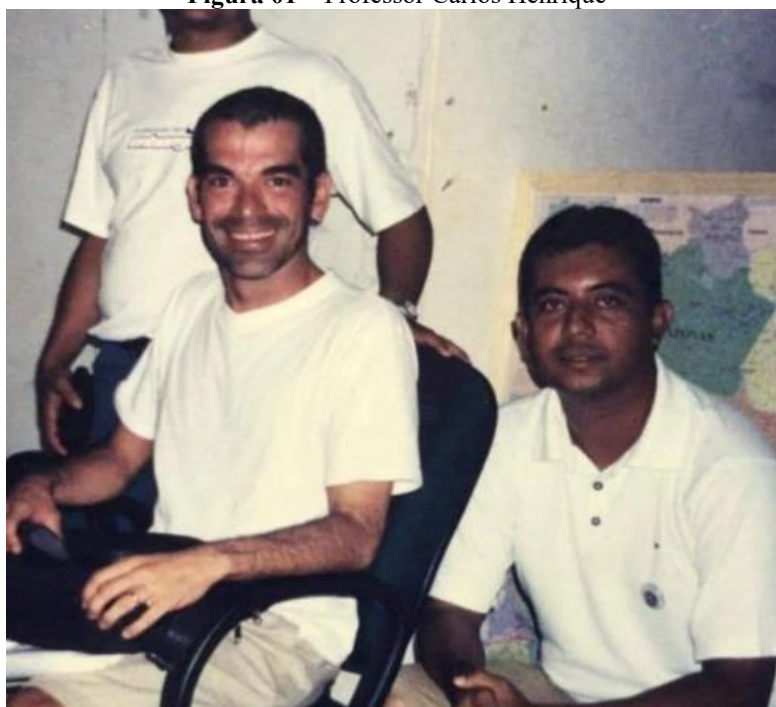
El ensayo presenta un relato reflexivo de la trayectoria académica del autor en geografía, enfatizando la influencia significativa de su mentora, la investigadora y profesora Maria Célia Nunes Coelho, y sus experiencias en la Universidad Federal do Pará (UFPA). Iniciando como investigador estudiantil en 1991, el autor se sumerge en el ámbito de la investigación geográfica, con trabajos iniciales sobre los impactos del espacio agrario en Pará. Su narrativa abarca la trayectoria desde los estudios de grado hasta los emprendimientos posdoctorales, destacando proyectos clave como los impactos socioambientales de la Ferrovia Carajás. El texto es tanto un homenaje a la profesora Maria Celia Nunes Coelho como una mirada introspectiva sobre el desarrollo científico académico del autor como geógrafo, subrayando el poder transformador de la orientación académica y la importancia de la geografía en la comprensión y el enfrentamiento de cuestiones regionales y ambientales en la Amazonía.

**Palabras clave:** Jornada Académica. Investigación Geográfica. Influencia de la Mentoría. Ferrovia Carajás. Región Amazónica.

## **1 INTRODUÇÃO**

Iniciei minha jornada científica como aluno-pesquisador em 1991, após ser aprovado no curso de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA). No início, atuei como bolsista de trabalho, aprendendo significativamente sobre jornalismo e informação sob a orientação de Walter Pinto, que me concedeu a oportunidade de integrar a assessoria de imprensa da UFPA, com foco em clipping. Minha função era receber as matérias selecionadas por Walter e formatá-las para ficarem acessíveis aos dirigentes, incluindo pró-reitores, reitor e vice-reitor, mantendo-os informados sobre todas as notícias publicadas nos jornais relacionadas à educação, ciência e tecnologia, ou outras matérias afins de interesse da UFPA. Eu e Lucas, outro bolsista, saíamos de bicicleta para entregar essas informações no campus da UFPA, antes das 8h30 da manhã. No ano seguinte, sob a orientação do professor Carlos Henrique Lopes de Souza (Figura 01), iniciei um estudo sobre os impactos do espaço agrário nos castanhais de Ubá e Araras, nos municípios de São Domingos e São João do Araguaia, na região Sudeste do Pará. Essa pesquisa representou minha primeira incursão na pesquisa geográfica, pela qual sou eternamente grato ao professor Henrique por seus ensinamentos valiosos. Com a bolsa PIPES e as economias que fazia ao longo do ano, adquiri minha primeira geladeira, simbolizando uma conquista significativa viabilizada pelo apoio de Ilya Miranda, amiga e irmã de Elis Miranda, que era bolsista no projeto. A bolsa foi crucial não apenas para o avanço da minha pesquisa, mas também para minha subsistência.

**Figura 01** – Professor Carlos Henrique



Fonte: Paulo Ricardo, 2000.

A UFPA, especialmente o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (hoje IFCH), foi fundamental para solidificar minha paixão pela Geografia, oferecendo uma rica fonte de conhecimento e inspiração por meio de professores e seminários de iniciação científica. Recordo-me com carinho dos orientadores e professores que me marcaram, incluindo Maria Célia Nunes Coelho (UFRJ), sob cuja orientação tive a honra de progredir não apenas na graduação, mas também na especialização, mestrado e coorientação no doutorado. Hoje escrevo essa trajetória de agradecimentos em homenagem à minha sempre professora Maria Célia.

**Figura 02** – Meu orientador de doutorado Professor Eliseu Sposito



Fonte: Luciano Rocha, 2003.

O caminho científico é repleto de desafios, e ter apreço pelo aprendizado é o maior deles. Acredito firmemente na importância da continuidade, da ética e da moral no âmbito da pesquisa, pois esses valores foram solidificados em mim através da experiência de trabalhar com algumas das melhores pesquisadoras que tive a oportunidade de conhecer. Essas interações reforçaram minha convicção de que a ciência sempre vale a pena, não apenas como um campo de estudo, mas como um caminho enriquecedor e transformador. A jornada científica não se limita ao acúmulo de conhecimento; ela nos molda como indivíduos críticos, conscientes e engajados na busca por soluções para os desafios contemporâneos. Nesse percurso, aprendemos não somente a questionar e a explorar o desconhecido, mas também a contribuir ativamente para o avanço da sociedade. Esse compromisso contínuo com o aprendizado e a inovação define o verdadeiro espírito da ciência, transformando-a em uma força motriz para o desenvolvimento das sociedades e a melhoria global.

As experiências e aprendizados ao longo dessa jornada inspiraram-me a relatar minhas vivências em um livro intitulado “Caminhos e Memórias de um Geógrafo”, um testemunho pessoal de desafios, conquistas e lições aprendidas. Minha trajetória é marcada por um contínuo aprendizado, enriquecida por momentos decisivos e pela orientação valiosa de professores como Carlos Henrique (UFPA, Figura 01), Maria Célia Nunes Coelho (UFRJ) e Eliseu Savério Sposito (UNESP, Figura 02), que foram essenciais para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, ensinando-me a valorizar o conhecimento e sua aplicação prática. Sempre tive vontade de dizer aos meus orientadores o quanto eles foram importantes e fundamentais em minha vida. Faço-o agora, na pessoa da professora Maria Célia, que mais tempo passou me acompanhando na minha trajetória simples, humilde, mas rica de conhecimento humano. Passaram-se 32 anos, e tenho que agradecer muito a todos, de coração. Aqui agradeço à professora Maria Célia Nunes Coelho; meu eterno muito obrigado.

## **NO ENCANTO DA SALA DE AULA**

Narrado no livro “Caminhos e Memórias de um Geógrafo” (2020), relato minha experiência de ser aprovado no vestibular para o curso de Geografia da UFPA em 1991. A notícia chegou enquanto eu ouvia o anúncio dos aprovados pelo rádio, estando no município de Limoeiro do Ajuru (Pará), cercado por amigos que mantenho até hoje. Comemorar esse momento foi desafiador, mas, sem dúvida, marcante. Representou o início da realização de um sonho, não só para mim, mas também para minha família, ao ter um filho ingressando na universidade. O primeiro ano na universidade foi desafiador, porém extremamente enriquecedor, graças às amizades que fiz e que me ajudaram a superar os obstáculos. Recordo com carinho das partidas de futebol atrás da Biblioteca Central, hoje substituída pelo Mirante do Rio, das visitas ao Vadião e dos forrós que animavam aqueles dias com música ao vivo e conversas amenas nos corredores do Bloco E (Geografia), que, naquela época, era considerado o nosso território. Em fevereiro de 2024, compartilhei essas memórias com meu filho Enzo, enfatizando a importância de aproveitar todas as palestras e atividades gratuitas disponíveis no ambiente universitário.

O currículo do curso de Geografia era dividido em blocos de cinco disciplinas. Quando incluía Geologia, as aulas começavam às 13h e iam até as 22h, embora o horário usual fosse das 14h às 22h. Em 1992, tornei-me bolsista trabalho da Assessoria de Imprensa da UFPA e fui selecionado para a bolsa PIPES em um projeto de pesquisa do Professor Carlos Henrique Lopez de Sousa, focado nas comunidades de Ubá e Aras, em São João do Araguaia, no sudeste do

Pará, junto com as bolsistas Lilian e Elis, também de Geografia. Essa oportunidade marcou o início da minha trajetória acadêmica como pesquisador, integrando uma equipe de seis pessoas e viajando para Marabá durante as férias da UFPA para estudar essas comunidades. A experiência em campo foi fundamental para o meu desenvolvimento profissional e acadêmico. Sob a orientação do Professor Carlos Henrique, pude aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, o que enriqueceu significativamente meu aprendizado. A interação direta com as comunidades de Ubá e Aras proporcionou uma imersão na realidade local, permitindo-me compreender as dinâmicas territoriais e sociais que influenciam a vida dessas populações.

O projeto de pesquisa não se limitou a coletar dados e observações, mas também visou estabelecer um diálogo construtivo com os trabalhadores e trabalhadoras rurais, buscando entender suas percepções, necessidades e aspirações. Esta abordagem participativa fortaleceu a relação entre a universidade e a comunidade, destacando a importância da pesquisa acadêmica para promover o desenvolvimento sustentável e inclusivo nas áreas rurais. Os resultados obtidos ao longo desse período foram apresentados em congressos e seminários, contribuindo para o avanço do conhecimento na área de Geografia e para o reconhecimento do papel das universidades na pesquisa aplicada ao desenvolvimento regional. A bolsa PIPES e a experiência adquirida no projeto de pesquisa representaram um marco decisivo na minha carreira, estimulando-me a prosseguir na academia e a dedicar-me a estudos e projetos que buscam soluções para os desafios enfrentados pelas comunidades locais.

Maria Célia foi minha professora em uma das disciplinas. Suas aulas marcantes ampliaram meu horizonte intelectual. Foi através dela que tive o privilégio de conhecer as obras de pensadores e cientistas maravilhosos, com seus livros e ideais fundamentais ao pensamento crítico e científico. Lembro-me dos debates sobre as obras de Paul Feyerabend (1991;2011), Ilya Prigogine (1984), Isabelle Stengers (1984; 1990), Fritjof Capra (1982;1983) e Umberto Eco (1998;1998). A maneira como ela conduzia as aulas, rica em discussões e análises profundas, fez com que eu desenvolvesse uma fascinação singular pelo conhecimento e pela ciência, mas sobretudo pela arte do conhecimento. Cada aula era uma aventura intelectual, onde eram exploradas as complexidades e as nuances do pensamento científico e filosófico. Através de leituras cuidadosamente selecionadas, Maria Célia nos guiava por uma jornada através de diferentes paradigmas e teorias, desafiando-nos a questionar e a pensar de forma crítica sobre o mundo ao nosso redor.

Nas suas análises sobre Paul Feyerabend, ela revelava o autor e suas ideias provocativas sobre o anarquismo epistemológico, e como ele desafiou as noções tradicionais de metodologia científica. Suas análises nos instigavam a debates intensos em sala de aula. Lembro-me de quando li “Contra o Método”, quase fiquei louco, e com “Adeus à Razão”, fiquei maravilhado; obras que me faziam sonhar com tempos e acreditar na mudança dos tempos acadêmicos. Ela nos apresentou os autores Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. Lembro do livro “Quem tem Medo da Ciência?”, “A Nova Aliança”, obras essenciais ao mundo científico que vivíamos. Por outro lado, sua fala intensa, que ecoava em toda sala de aula, nos colocava no fascinante mundo da termodinâmica de processos irreversíveis e da complexidade, ampliando minha compreensão sobre a dinâmica dos sistemas. Eu ficava fascinado pelo domínio do saber e pela paixão pela ciência que a professora Célia tinha ao debater esses autores em sala.

No livro “O Ponto de Mutação”, a professora Celia me instigou a correr às livrarias com meus limitados recursos financeiros para adquirir as obras de Capra. Às vezes, conseguia comprá-las nos famosos sebos, locais que eu frequentava assiduamente, pois minha bolsa não permitia compras diretas em livrarias. A professora Celia debatia com maestria as ideias de Fritjof Capra, alertando-nos, cientificamente, para a abordagem holística da realidade. De maneira analítica, ela revelou-me a profunda interconexão entre diferentes disciplinas e a importância de uma visão integrada para compreender os fenômenos complexos. Com Umberto Eco, mostrou-nos a semiótica e a interpretação textual, ensinou-me a importância da leitura crítica e da análise aprofundada, habilidades essenciais para qualquer pesquisador. Apaixonei-me pelos escritos científicos de Eco, mas também pelo livro e filme “O Nome da Rosa”.

Cada encontro com esses pensadores, mediado por Maria Célia, não era apenas uma lição acadêmica, mas um convite para explorar o vasto oceano do conhecimento humano. Ela nos encorajava a não aceitar passivamente as informações, mas a buscar sempre o entendimento profundo, a questionar e a construir nosso próprio caminho intelectual. Esse processo de aprendizado ultrapassou as fronteiras da ciência tradicional e estendeu-se às interseções com a filosofia, a arte e a literatura, destacando a riqueza e a diversidade do pensamento humano. E, como na obra “Kant e o Ornitorrinco” de Eco, a geografia revelou-se um grande Ornitorrinco. Através dessa abordagem multidisciplinar, Maria Célia não só enriqueceu nosso conhecimento, mas também nossa capacidade de apreciar a beleza e a complexidade do mundo.

Refletindo sobre essa experiência científica transformadora, sou profundamente grato pela orientação de Maria Célia. Ela não apenas me apresentou as figuras intelectuais proeminentes, mas também provocou em mim uma paixão duradoura pelo aprendizado e pela



exploração científica. Seu legado é um testemunho do poder da educação em inspirar e transformar vidas. Não sei se ela se orgulha de ter-me como aluno, mas eu sou imensamente grato e orgulhoso por ela ter sido minha orientadora e participado da minha vida acadêmica. Hoje, afirmo que não serei rotulado como puxa-saco, expressão pejorativa da minha época para alunos que ansiavam aprender mais com seus professores, aqueles que admirávamos. Palavras, hoje, sem sentido na minha análise; éramos todos astronautas explorando o universo do conhecimento.

Eu vivia com o temor constante de cometer erros e, conseqüentemente, decepcionar minha orientadora. Esse sentimento era uma sombra que me acompanhava, obscurecendo minha capacidade de ver o verdadeiro propósito da jornada acadêmica. Contudo, com o tempo e a experiência, comecei a compreender que minha percepção estava equivocada. O que minha orientadora realmente desejava era que eu enfrentasse os desafios, inclusive os erros, pois são eles que pavimentam o caminho do aprendizado. À medida que avançava em minha trajetória na Universidade Federal do Pará (UFPA), fui percebendo que cada erro cometido era uma oportunidade única de crescimento. Era como se, a cada tropeço, uma nova porta se abrisse, revelando caminhos até então desconhecidos. Aos poucos, fui aprendendo a valorizar esses momentos, compreendendo que o erro faz parte do processo de evolução pessoal e profissional.

Minha orientadora desempenhou um papel crucial nessa jornada. Ela nunca me poupou das conseqüências dos meus erros, mas também nunca deixou de me oferecer o suporte necessário para que eu pudesse superá-los. Sua metodologia, embora desafiadora, era repleta de sabedoria. Ela sabia que, ao me permitir errar, estava me capacitando a desenvolver habilidades importantes e a capacidade de análise crítica. Através dessas experiências, comecei a trilhar meu próprio caminho na UFPA com mais confiança. Percebi que a autonomia acadêmica não se alcança apenas com sucessos, mas também com a capacidade de enfrentar e superar os próprios erros. Essa compreensão transformou profundamente minha forma de encarar os desafios, não apenas no ambiente acadêmico, mas em todos os aspectos da minha vida. Com o tempo, minha relação com o erro se transformou. Ele deixou de ser uma fonte de medo e vergonha para se tornar um valioso instrumento de aprendizado. Cada erro passou a ser visto como um degrau adicional na escada do conhecimento, algo essencial para o meu desenvolvimento.

Essa mudança de perspectiva não só me permitiu avançar em minha carreira acadêmica com mais segurança, mas também me ensinou a valorizar o processo de aprendizagem em si. Aprendi que o conhecimento não é um destino a ser alcançado, mas uma jornada repleta de



descobertas, desafios e, claro, erros. Hoje, olhando para trás, sou profundamente grato pela sabedoria e paciência da minha orientadora. Graças a ela, pude aprender que errar é humano e que a verdadeira sabedoria está em saber aproveitar cada erro como uma oportunidade de crescimento. Este entendimento não apenas enriqueceu minha experiência acadêmica na UFPA, mas também me preparou para enfrentar a vida com mais coragem e determinação. A mensagem que levo dessa experiência é clara: o erro é um mestre rigoroso, mas justo. Ele nos ensina, de maneira inequívoca, que cada falha é um passo adiante na longa estrada do aprendizado e da autodescoberta.

## **PRIMEIRO ENCONTRO NA PESQUISA**

Em 1993, durante uma pesquisa de campo em Marabá, integrando o projeto do professor Carlos Henrique, encontrei-me com um grupo de pesquisa liderado pela professora Maria Célia Nunes Coelho da UFRJ, que, naquele período, estava cedida à UFPA e atuava no Núcleo de Meio Ambiente (NUMA). Por uma feliz coincidência, testemunhamos a primeira ocupação de trabalhadores rurais da fazenda Rio Branco; estavam os trabalhadores e trabalhadoras acampados no INCRA de Marabá, evento que se tornou um marco histórico para a região e para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nas discussões após o campo, familiarizei-me com o trabalho da professora Célia e solicitei a transferência para seu projeto sobre os impactos socioambientais da Estrada de Ferro Carajás no Pará e Maranhão, pois minha verdadeira paixão era investigar os efeitos da mineração. Consequentemente, abandonei a bolsa PIBIC de Geografia para me tornar bolsista pelo NUMA que, naquela época, era gerido pelo professor Juan Hoyos e tinha a coordenação científica do professor Pedro Rocha, ambos merecedores de minha profunda admiração.

Esse encontro fortuito não apenas mudou o curso de minha trajetória acadêmica, mas também ampliou minha perspectiva sobre os conflitos socioambientais na região amazônica. Trabalhar no projeto da professora Célia permitiu-me aprofundar o entendimento sobre as complexas interações entre desenvolvimento industrial, conservação ambiental e direitos dos povos tradicionais e trabalhadores rurais. Essa experiência foi fundamental para moldar minha abordagem crítica e engajada na pesquisa geográfica. A colaboração com pesquisadores renomados e engajados no estudo das dinâmicas territoriais e socioambientais na Amazônia enriqueceu meu repertório intelectual e prático.

Durante o segundo ano trabalhando com a professora Célia, obtive uma bolsa do CNPq, um avanço significativo que me permitiu continuar publicando nos Seminários PIBIC/CNPq e

participar de eventos nacionais de Geografia. Avançando em minha jornada acadêmica, percebi a importância da interdisciplinaridade na Geografia, um campo que abraça tanto o estudo físico quanto o humano do espaço geográfico. Esse entendimento ampliou minha perspectiva de pesquisa e me incentivou a explorar novas áreas de estudo, como a geografia econômica e a análise de impactos ambientais, fundamentais para entender as complexidades das interações humanas com o ambiente.

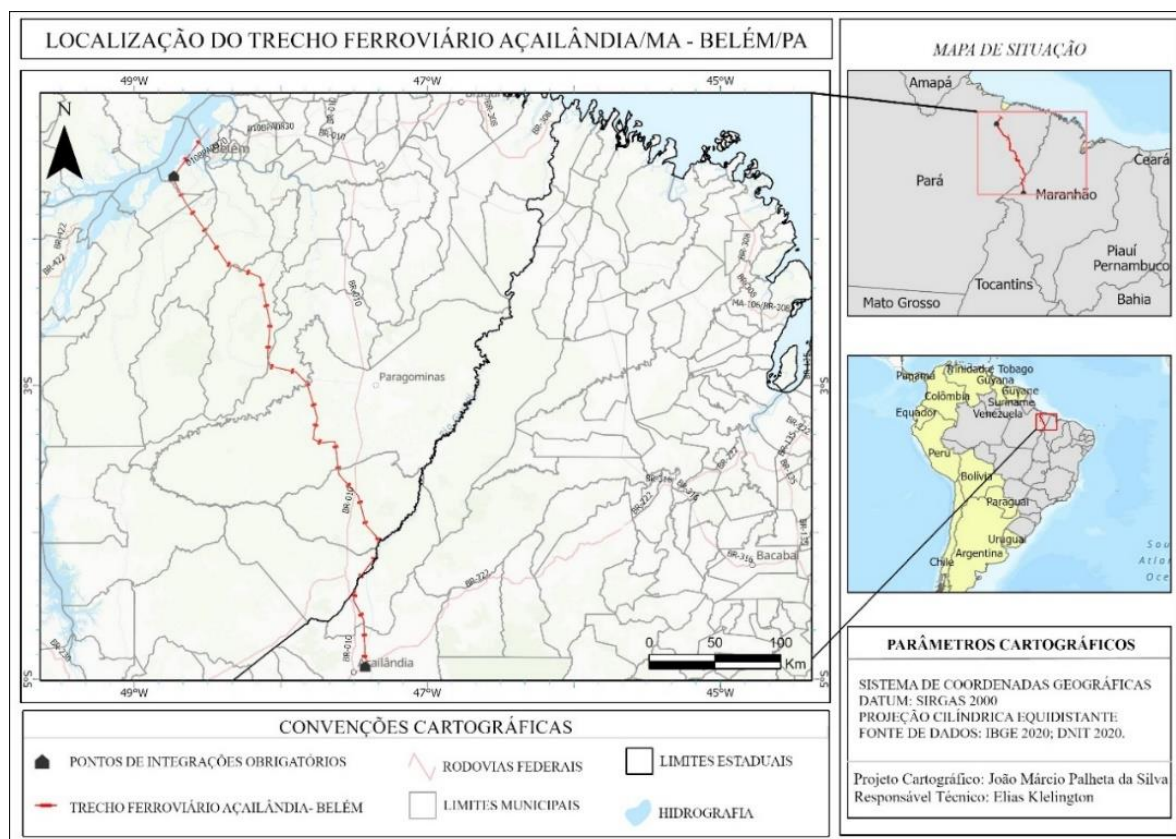
Participar de conferências e workshops internacionais tornou-se um aspecto crucial da minha formação acadêmica. Essas experiências não apenas enriqueceram meu conhecimento, mas também expandiram minha rede de contatos, permitindo colaborações com pesquisadores de diversas partes do mundo. A troca de ideias e metodologias com colegas internacionais ampliou minha compreensão sobre os desafios globais e a necessidade de abordagens integradas para solucioná-los. A tecnologia também desempenhou um papel significativo em minha carreira de pesquisador. O uso de sistemas de informação geográfica (SIG) e a análise de dados espaciais transformaram a maneira como conduzo minhas pesquisas, permitindo uma análise mais profunda e detalhada das questões geográficas. Essas ferramentas tecnológicas abriram novos caminhos para a investigação geográfica, facilitando a visualização de padrões e tendências que antes eram difíceis de detectar.

O segundo trabalho que desenvolvi durante minha graduação estava relacionado a um projeto de pesquisa coordenado pela professora Dra. Maria Célia Nunes Coelho, sob o título “Impactos Socioambientais no Corredor da Estrada de Ferro Carajás, no Pará e no Maranhão”. Minha participação, como bolsista de iniciação científica com apoio do CNPq, foi decisiva para a conclusão do curso de Graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) na Universidade Federal do Pará. O projeto culminou no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A CVRD e a Organização Socioespacial no Sudeste do Pará”, sob orientação da Profa. Dra. Maria Célia Nunes Coelho, esse trabalho estava dentro do projeto de pesquisa coordenado pela Professora Celia.

A análise empreendida na minha pesquisa abordou os aspectos da organização espacial na região Sul/Sudeste do Pará, enfocando principalmente a partir da década de 1980, e as transformações territoriais evidenciadas, entre outros aspectos, pelo surgimento de novos núcleos urbanos. Estes foram impulsionados pelo aumento da pressão demográfica sobre os territórios afetados pela atividade de mineração. Na década de 1980, a construção da Estrada de Ferro Carajás (EFC) na região e os projetos a ela associados provocaram mudanças significativas na estrutura espacial do estado do Pará. Os investimentos da Vale na localidade

atraíram um número ainda maior de migrantes para a região, fomentando o surgimento de novos povoados e núcleos urbanos vinculados tanto às atividades mineradoras da empresa quanto às operações de garimpo em Serra Pelada e às margens das estradas.

Figura 03 - Trecho Ferroviário entre o Pará e Maranhão



Fonte: João Marcio Palheta, 2000.

A Figura 03 se tornou memorável para mim, pois foi ali que comecei a explorar a faixa de fronteira mineral entre o Pará e o Maranhão. Esse contexto proporcionou um cenário rico para o estudo das dinâmicas socioespaciais e ambientais, fornecendo uma base sólida para a minha formação acadêmica e profissional. A experiência adquirida no projeto não apenas ampliou meu entendimento sobre os complexos processos de transformação territorial, mas também me proporcionou valiosas lições sobre pesquisa e metodologia científica. Sob a tutela da Professora Dra. Maria Célia, aprendi a importância de uma abordagem interdisciplinar na análise geográfica, capaz de integrar aspectos econômicos, sociais e ambientais. A orientação precisa e o incentivo constante da professora foram fundamentais para o meu desenvolvimento como pesquisador, permitindo-me explorar temas relevantes para a compreensão das dinâmicas regionais. Além disso, o trabalho em campo foi uma parte essencial do processo de aprendizado,

oferecendo a oportunidade de observar diretamente os impactos socioambientais estudados e de interagir com as comunidades afetadas.

Estas experiências reforçaram a importância da geografia como uma ferramenta para promover um desenvolvimento mais sustentável. O contato direto com as realidades locais, aliado à análise científica, permitiu-me não apenas compreender, mas também contribuir para a formulação de estratégias que visam mitigar os efeitos adversos da exploração mineral. A capacidade de combinar teoria e prática revelou-se essencial para a elaboração de soluções inovadoras que respeitam tanto o meio ambiente quanto as comunidades locais, reafirmando o papel crucial da pesquisa geográfica no enfrentamento dos desafios contemporâneos. Voltava as lições de orientação e as aulas da professora Célia para entender a fronteira mineral amazônica.

A Figura 04 foi para mim um marco, pois nessa viagem escrevi um artigo para o livro que os professores Célia e Raimundo Cota publicaram, “Os Dez Anos da Estrada de Ferro Carajás”. Foi aí que comecei a explorar um pouco minha veia de aprendiz de poeta; como sempre gostei de escrever poesia, redigi o artigo “Impressões do Passageiro de Ferro: reflexões de um viajante”. Recordo-me vividamente dos meus primeiros esboços de pesquisa sob a orientação da professora Maria Célia Nunes Coelho. Meticulosa, ela devolvia os manuscritos, abundantemente marcados com correções. A leitura de “Câmara Clara” de Roland Barthes (1984), recomendada por Alan Guimarães, incentivou-me a publicar um dos meus trabalhos mais significativos. Contribuí para a obra “Os Dez Anos da Estrada de Ferro Carajás” (1997), sob a orientação da Professora Maria Célia. Este artigo, intitulado “Impressões do Passageiro de Ferro: reflexões de um viajante”, reflete minhas experiências e percepções ao longo do corredor da EFC. As experiências acumuladas nesses trajetos de terra, trilhos e rios continuam a ser pilares da minha jornada acadêmica, evidenciando o aprendizado constante sobre a Amazônia Oriental. A região da EFC, transformada em minha terceira casa, representa minha principal fonte de inspiração e conhecimento sobre a geografia amazônica. Visito essa região pelo menos duas vezes ao ano, não apenas para manter os laços com amigos valiosos, mas também para dar continuidade às pesquisas que venho desenvolvendo.

**Figura 04** - Corredor da estrada de Ferro Carajás entre Açailândia e Santa Inês no Maranhão.



Fonte: João Marcio Palheta, 1996.

Em muitas ocasiões, ela revisava a totalidade do texto; eu, por minha vez, me encarregava de ajustar apenas uma parte. A outra, deliberadamente, deixava intacta, apegado às palavras originais que havia redigido com tanto afínco. Ao visitar o texto, a professora Célia apenas erguia o olhar, seu gesto transmitindo uma mensagem clara: ela sabia que eu não havia alterado as seções às quais ela havia apontado anteriormente. Esse comportamento não era fruto de arrogância. Existem, até hoje, momentos em que, ao receber feedback, opto por ignorar certas sugestões, simplesmente porque me sinto conectado a certas frases ou parágrafos inteiros de tal maneira que não consigo conceber a ideia de modificá-los.



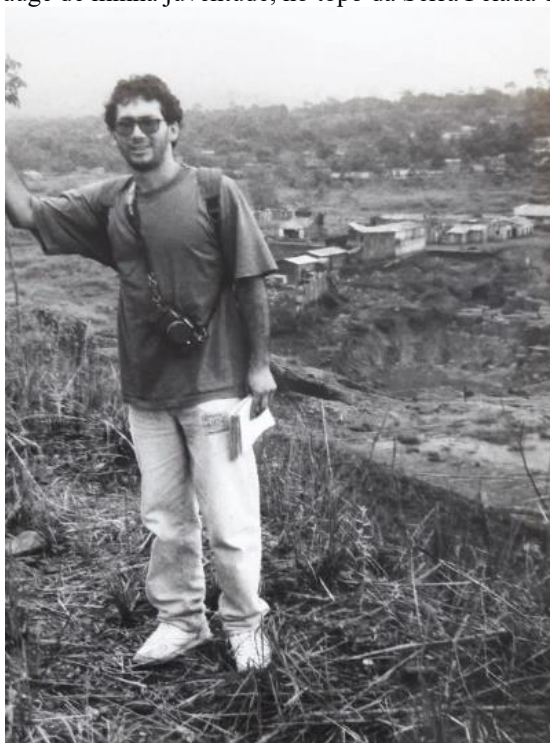
**Figura 05** - Ponte Rodoferroviária sobre o Rio Tocantins, 2.310 metros, por onde também passa o trem de minérios, vindo e indo para Carajás-São Luís.



Fonte: João Marcio Palheta, 2006.

Perdi as contas de quantas vezes atravessamos essa ponte (Figura 05). Até hoje, fico encantado e nostálgico pelos tempos de trabalho de campo com a professora Célia nesta região, que virou minha opção de análise científica. Possuo uma particularidade que se mantém mesmo na atual era digital: a inclinação para escrever meus textos à mão inicialmente. Este método manual proporciona uma conexão mais profunda com as palavras, facilitando a expressão do fluxo criativo de maneira mais genuína. Apenas depois dessa fase inicial, faço a transcrição dos textos para o formato digital, o que poderia ser descrito como “passar a limpo”. Recordo-me dos conselhos da professora Célia sobre anotar tudo o que lia, mantendo blocos de notas por perto e aderindo rigorosamente às suas recomendações de catalogar as leituras.

**Figura 06** - No auge de minha juventude, no topo da Serra Pelada em 1995.



Fonte: Alan Guimarães, 1995.

Anotações sobre Serra Pelada (Figura 06), foram essências para escrever um resumo para o evento de Geografia em Cuba. A participação no projeto permitiu-me desenvolver habilidades em comunicação científica, evidenciada pela apresentação dos resultados em congressos e seminários. A capacidade de transmitir conhecimento de maneira clara e eficaz para diferentes públicos revelou-se tão crucial quanto a própria pesquisa, sublinhando a importância do diálogo entre a academia e a sociedade. Além disso, este envolvimento proporcionou uma valiosa experiência em adaptar a linguagem técnica para uma comunicação mais acessível, garantindo que as informações fossem compreensíveis para um público amplo, não especializado. A interação com um público diversificado nos seminários e congressos também enriqueceu meu entendimento sobre as perspectivas variadas com as quais diferentes grupos interpretam e valorizam a pesquisa científica. Essa troca multidirecional de informações e ideias entre a comunidade científica e o público em geral fortaleceu minha habilidade de pensar criticamente e de contextualizar a pesquisa dentro de um quadro social mais amplo, realçando a interdependência entre a ciência e as necessidades da sociedade.



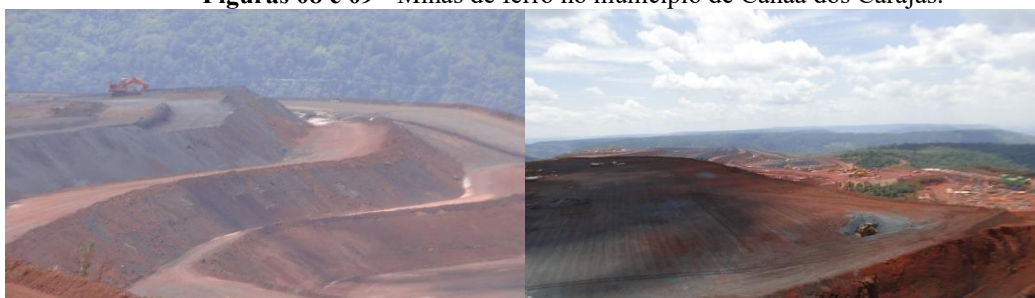
**Figura 07** - No Arpoador, no Rio de Janeiro, durante uma visita a convite da professora Célia ao IBGE. Na época, eu estava finalizando meu doutorado, em 2003. Na foto, eu e meu filho Enzo, na época com quase um ano de idade, a professora Célia e seu filho mais novo, Thomas.



Fonte: João Marcio Palheta, 2003.

O trabalho de campo representou um marco em minha trajetória acadêmica, estabelecendo um sólido alicerce para minha futura carreira (Figura 07). Os ensinamentos e a experiência adquirida sob a orientação da professora Célia foram inestimáveis, contribuindo não apenas para meu crescimento profissional, mas também para meu desenvolvimento pessoal como cidadão consciente e comprometido com a transformação social. A tendência de escrever à mão antes de digitalizar os textos é algo que valorizo profundamente, pois oferece uma experiência tátil e direta com as palavras. Esse contato inicial me permite explorar ideias com liberdade, sem as distrações inerentes aos dispositivos digitais. A interação com a professora Célia, repleta de desafios e aprendizados, ensinou-me a importância da resiliência textual. Aprendi que, embora a crítica seja essencial para o desenvolvimento de qualquer escrita, existe também um valor inestimável na autenticidade da voz própria. Essa balança entre aceitar sugestões externas e manter a integridade do texto original é uma dança delicada, fundamental para a maturação de qualquer escritor.

**Figuras 08 e 09** - Minas de ferro no município de Canaã dos Carajás.



Fonte: João Marcio Palheta, 2015.

Ela ensinava a importância de manter registros escritos de nossas leituras, um hábito que adotei fervorosamente, utilizando blocos de notas para anotar informações relevantes e registrar fotografias (Figuras 08, 09 e 10). Esse método, embora possa parecer anacrônico para alguns, revelou-se extremamente valioso para o meu processo criativo. Ele permite uma reflexão mais profunda sobre cada palavra e frase, facilitando um exame meticuloso das ideias antes de sua finalização eletrônica. Adicionar registros escritos à mão aos processos digitais contemporâneos cria uma ponte entre o tradicional e o moderno, enriquecendo a experiência de aprendizado e criatividade. Essa prática não só preserva o caráter tangível do conhecimento, mas também reforça a memória e o entendimento, estabelecendo uma conexão mais próxima com o material estudado. Ao integrar o ato de escrever à mão com as tecnologias digitais, passei a explorar as melhores facetas de ambos os mundos, alcançando uma compreensão mais profunda e uma expressão mais autêntica das minhas ideias.

**Figura 10** – Estação Ferroviária de Açailândia, Maranhão



Fonte: João Marcio Palheta, 1996.

A prática de transcrever posteriormente para o meio digital é uma forma de refinamento e organização do conteúdo, seguindo o aprendizado que observava na filosofia da professora Célia. Além disso, esse ritual de transcrição atua como uma segunda camada de revisão, onde frequentemente encontro novas oportunidades de aprimoramento. Contudo, a disposição para revisitar e revisar o próprio trabalho, mesmo quando se opta por manter partes dele inalteradas, é um exercício de humildade e autoconhecimento. Através dela, compreendi que o processo de escrita é, em essência, um processo de constante aprendizado e autoexploração. Não se trata apenas de transpor pensamentos para o papel, mas sim de moldar essas ideias, refinando-as até que reflitam não apenas o conhecimento, mas também o coração do autor.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, sob a orientação da professora Maria Célia Nunes Coelho, busquei compreender o papel da Vale como uma grande corporação com ampla abrangência territorial e uma vasta escala de operações, especialmente no que tange à gestão de seu território imediato - a área de concessão na Serra de Carajás - e também nas áreas sob sua influência, que se estendem pelos municípios atravessados pela Estrada de Ferro Carajás (EFC). O território em estudo é marcado por dinâmicas que se manifestam dentro de uma dimensão política, social e econômica, envolvendo a atuação de atores sociais hegemônicos, cujas práticas de apropriação e reprodução do espaço definem o uso do território. A Vale desempenha um papel crucial na estruturação do espaço geográfico do sul e sudeste do Pará, atuando na mina de Carajás e ao longo da Estrada de Ferro Carajás até o Porto de Ponta da Madeira. A empresa fomenta a criação de áreas com funções cada vez mais específicas, tanto na produção quanto nas moradias, interligadas pela circulação de produtos e informações. Esse contexto estimulou meu desejo de compreender ainda mais os impactos desses processos no espaço geográfico da região de Carajás.

Em minha análise, abordei o conceito de território vinculado ao desenvolvimento de estratégias para a gestão do espaço geográfico de Carajás. A professora Maria Célia me passava belas sugestões de leitura, como Bertha Becker, Lia Osorio Machado e Otavio Velho. Os agentes sociais envolvidos, em sua busca pela garantia de permanência, caracterizam o território como um espaço apropriado e legitimado por meio das relações concretizadas entre os atores que desenvolvem suas atividades na região sudeste do Pará. Essa jornada de escrita, com suas idas e vindas entre o papel e o digital, sublinha uma verdade fundamental: a essência da escrita transcende as ferramentas utilizadas para expressá-la. Seja através de um teclado ou de uma caneta, o que verdadeiramente importa é a capacidade de comunicar ideias, emoções e

perspectivas de maneira autêntica. A relação entre o escritor, suas palavras e o leitor é um elo sagrado, tecido com paciência, dedicação e, acima de tudo, paixão pela arte da escrita.

**Figuras 11 e 12** – Luiz Inácio Lula da Silva, então candidato à presidência do Brasil, hoje Presidente pelo terceiro mandato. Na primeira foto está o atual presidente Lula; na segunda, a professora Célia entrevistando Lula.



Fonte: Olinda Rodrigues e Elis Miranda, 1996.

Em junho de 1996, logo após o Massacre de Eldorado dos Carajás, fomos a campo e visitamos a área do conflito. Entramos no acampamento do MST, onde encontramos o então candidato Lula da Silva (Figura 11 e 12), que hoje é o presidente da República do Brasil. O território de Carajás é palco de conflitos gerados pela disputa de interesses distintos. A dinâmica socioeconômica dessa região é moldada pela atuação de diferentes atores sociais, que trazem mudanças nas relações de produção, no trabalho e na forma de apropriação do espaço. Essas transformações, embora anteriores à instalação do Projeto Ferro Carajás e de projetos associados, foram significativamente intensificadas por eles. Contemporaneamente a presença do MST, do MAM e de outras organizações no território de Carajás evidencia a resistência e a luta pela terra, confrontando interesses de grandes empresas e do agronegócio. A região, rica em recursos naturais, torna-se um cenário de disputas intensas, onde a questão agrária se entrelaça com o desenvolvimento industrial e a preservação ambiental. Nesse contexto, o papel de lideranças políticas como Lula da Silva tornava-se crucial para entender as dinâmicas de poder e as transformações sociais, econômicas e ambientais que definem o presente e o futuro de Carajás.

Diante desse cenário, a orientação científica da professora Maria Célia Nunes Coelho foi fundamental, enfatizando a importância de uma abordagem crítica e teoricamente



fundamentada. Essa orientação capacitou-me a contribuir significativamente para o debate acadêmico sobre gestão territorial e desenvolvimento socioambiental. A integração entre teoria e prática surge como aspecto fundamental para entender os desafios da região, permitindo a elaboração de estratégias que busquem analisar a relação entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental. A experiência adquirida nesta pesquisa acadêmica reforçou a necessidade de uma análise cuidadosa das questões sociais, econômicas e ambientais que interagem no território de Carajás, evidenciando o papel crucial da universidade e da pesquisa científica na promoção de transformações fundamentais na sociedade.

A jornada de pesquisa sob a orientação da professora Maria Célia Nunes Coelho proporcionou um entendimento aprofundado sobre a complexidade da gestão territorial em áreas de intensa exploração mineral. Esta experiência sublinha a importância de abordagens interdisciplinares e participativas no estudo dos territórios, incentivando uma reflexão crítica sobre as práticas de desenvolvimento e a necessidade de políticas públicas que fomentem a justiça social e a sustentabilidade ambiental no contexto amazônico.

O estudo “Repensando Tucuruí”, apresentado no V Congresso Brasileiro de Geógrafos em Curitiba, em 1994, e publicado pela Universidade Federal do Pará, foi orientado pela professora Célia. Este trabalho abordou as implicações socioambientais e territoriais da construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, baseando-se principalmente nos escritos de Lúcio Flávio Pinto, um importante pensador sobre o espaço amazônico. Ao repensar Tucuruí, o estudo propôs uma reflexão crítica acerca dos impactos de grandes empreendimentos hidrelétricos na organização espacial, na vida das comunidades locais, na biodiversidade e nos recursos hídricos. Ressalta-se o levantamento bibliográfico orientado pela professora, que levou à constatação de que Lúcio Flávio Pinto foi quem mais escreveu sobre Tucuruí. Publicado em 1994, o trabalho destacou questões emergentes sobre desenvolvimento sustentável e os desafios de aliar crescimento econômico à preservação ambiental.

O trabalho “A Organização do Espaço Percorrido pela Estrada de Ferro Carajás”, apresentado no XII Encontro Nacional de Geografia Agrária em Águas de São Pedro-SP, em 1994, resultou de extensas pesquisas de campo e leituras selecionadas pelo grupo de pesquisa liderado pela professora Célia. Este estudo examinou como a construção e operação da Estrada de Ferro Carajás (EFC) afetaram a organização do espaço nas regiões atravessadas, especialmente no Pará e no Maranhão. Analisou as transformações socioeconômicas, ambientais e territoriais decorrentes da implementação da EFC, focando em aspectos como a dinâmica da exploração mineral, os conflitos fundiários, a migração, as alterações nos modos

de vida locais e as repercussões para a agricultura regional. Ambos os trabalhos refletiram as preocupações com as transformações espaciais provocadas por grandes projetos de infraestrutura e exploração de recursos naturais, bem como suas consequências socioeconômicas e ambientais. A perspectiva crítica, uma marca da orientação da professora Célia, evidenciada nesses estudos, sublinha a importância de considerar os aspectos sociais, econômicos e ambientais na gestão territorial e no planejamento de projetos de desenvolvimento.

## **TRAJETÓRIA E IMPACTOS NA PESQUISA GEOGRÁFICA DA AMAZÔNIA**

Após concluir minha graduação e defender meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em agosto de 1995, tive a satisfação de ser aprovado na especialização em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas pelo FIPAM/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA) no mesmo mês. Essa aprovação marcou o início de uma jornada contínua nas pesquisas que iniciei durante minha graduação, permitindo-me colaborar nos projetos liderados pela professora Dra. Maria Célia Nunes Coelho, focados nos impactos territoriais das atividades de mineração. Sob sua orientação e com o apoio financeiro da CAPES, que me possibilitou dedicar-me integralmente à pesquisa, desenvolvi minha monografia de especialização, intitulada “A Organização Socioespacial no Corredor da Estrada de Ferro Carajás”. Este trabalho aprofundou o estudo dos desafios associados ao desenvolvimento de grandes empreendimentos na região, destacando-se a instalação e expansão da antiga Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e sua ferrovia.

**Figura 13** – Eu e meu sobrinho Julinho fazendo juramento na minha formatura em agosto de 1995. **Figura 14** - Formatura da minha turma de graduação em agosto de 1995. Na foto, da esquerda para a direita, Reinaldo, Maria Célia, João Marcio e Roberta. Éramos da mesma turma de Geografia que entrou em 1991, eu, Elis e Roberta éramos bolsistas da professora Celia.



Fonte: João Marcio Palheta, 1995.

Uma experiência inesquecível foi o desafio de ir ao campo sozinho pela primeira vez, preparando o terreno para a chegada da professora Célia, da professora Lia Osorio e do professor Guerra. Com tudo mais ou menos encaminhado em termos de infraestrutura, enfrentei uma longa espera para falar com o prefeito de Açailândia, no Maranhão. Após quase dois dias, não apenas consegui me encontrar com ele, mas também obtive uma parte significativa da infraestrutura necessária para nossa pesquisa. Essa experiência, superada com sucesso apesar dos meus receios, ensinou-me a criar redes e infraestruturas para a pesquisa nos estados amazônicos, além de fortalecer minhas conexões no âmbito da mineração.

**Figura 15 e 16** - A professora e Elis Miranda em trabalho de campo (1996), e Elis e Roberta Figueiredo (Bolsistas do projeto) esperando o trem de passageiros da Vale em trabalho de Campo (1995).



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa da Professora Célia

Durante esse período, um intenso conflito envolvendo o garimpo de Serra Pelada se desenrolava entre o Pará e o Maranhão, e nós estávamos no meio disso, o que se revelou um aprendizado maravilhoso. Investigar esses impactos foi uma tarefa desafiadora devido à complexidade e diversidade da região de Carajás. Minha análise se estendeu além da instalação da ferrovia da Vale, abrangendo a implementação de projetos relacionados e o fomento a outras atividades econômicas. Essas iniciativas intensificaram o fluxo migratório para o sul/sudeste do Pará, fenômeno já notável que se intensificou durante minha especialização. Marabá, um dos municípios mais afetados por essas dinâmicas, continuou a crescer populacionalmente, apesar dos frequentes desmembramentos territoriais.

Sob a orientação perspicaz de Maria Célia, a especialização tornou-se um período de intensa aprendizagem e descoberta. Seu apoio inestimável e orientação científica foram



essenciais para o desenvolvimento de uma perspectiva analítica robusta, enfatizando a necessidade de considerar os diversos aspectos e impactos das atividades de mineração na organização socioespacial. Essa abordagem não só guiou minha monografia de especialização, mas também estabeleceu a base para estudos posteriores, destacando a interconexão entre o desenvolvimento socioambiental, a política territorial e o bem-estar das comunidades locais.

Esta experiência acadêmica, sob a orientação rigorosa da professora Maria Célia Nunes Coelho, foi fundamental para aprimorar minha compreensão sobre os impactos territoriais das atividades de mineração e moldou significativamente minha trajetória acadêmica. A especialização se mostrou uma etapa crucial, pavimentando o caminho para futuras investigações e estudos aprofundados. Em setembro de 1996, concluí a especialização, e em agosto do mesmo ano, tive a honra de ser aprovado no programa de mestrado do NAEA, iniciando uma jornada marcada pela curiosidade e rigor científico, dedicada ao desenvolvimento socioterritorial da Amazônia, com a professora Célia mantendo-se como minha orientadora.

Da graduação à especialização, experimentei um avanço qualitativo na minha participação em eventos acadêmicos locais, nacionais e internacionais, marcado também pela publicação de um livro. Uma das contribuições mais significativas ocorreu em um dos seminários mais renomados da época, que discutia a questão energética na Amazônia. Este trabalho, realizado em colaboração com minha orientadora, a professora Maria Célia Nunes Coelho, e seus bolsistas, focou na Hidrelétrica de Tucuruí, envolvendo um levantamento detalhado sobre a obra. Sob a orientação científica da professora Maria Célia Nunes Coelho, minha trajetória acadêmica destacou-se pela abordagem crítica e reflexiva, concentrada nas complexidades do desenvolvimento regional e no impacto das intervenções humanas no território. Esse enfoque aprofundou meu entendimento sobre as dinâmicas de poder e as transformações socioespaciais no sul/sudeste do Pará, impulsionando-me a analisar as interações entre desenvolvimento, sustentabilidade e justiça social na região. A influência da professora Coelho foi decisiva para intensificar meu engajamento com questões de geopolítica ambiental e desenvolvimento sustentável, facilitando a incorporação de perspectivas multidisciplinares em minhas pesquisas.

Refletindo sobre essas experiências, percebe-se o papel fundamental da orientação científica no aprimoramento da minha formação acadêmica. A colaboração com a professora Maria Celia Coelho não só forjou minha perspectiva crítica sobre as questões amazônicas, mas também estabeleceu uma base metodológica sólida para investigar as complexas relações sobre

meio ambiente. Essa fundamentação tornou-se a pedra angular de minhas investigações, permitindo uma contribuição significativa ao debate acadêmico sobre desenvolvimento sustentável e políticas socioambientais na Amazônia. A dinâmica das transformações territoriais, aceleradas pela migração e pelo desenvolvimento de projetos de mineração no sul/sudeste do Pará, evidencia a complicada relação entre desenvolvimento econômico e reconfiguração espacial. Com a orientação da professora Maria Célia Nunes Coelho, pude compreender essas complexidades, adotando uma postura científica rigorosa e eticamente comprometida.

Durante minha jornada acadêmica, sob a orientação da Professora Maria Célia Nunes Coelho, continuei a publicar os resultados das pesquisas relacionadas à empresa Vale e seu papel na Amazônia, meu principal objeto de estudo na época. Essas publicações evidenciavam meu desejo de avançar na carreira acadêmica e a busca pelo mestrado. Os trabalhos de campo, essenciais nesse processo, alimentavam meu entusiasmo por investigar os impactos sobre o território amazônico. O maior desafio residia na necessidade de sistematizar os conflitos territoriais na região. A cada visita ao campo, eu ficava mais encantado, acumulando conhecimentos ao lado da Professora Célia, de Alan Kardec e encontrando outros pesquisadores como a Professora Lia Osorio, o Professor Antônio Guerra e o Professor Alfredo Wagner, que contribuíram com os trabalhos de campo no Pará e no Maranhão. Com a Professora Célia, aprendi a observar as diversas perspectivas dos especialistas sobre a geografia da Amazônia.

A multidisciplinaridade em nossas pesquisas revelou-se um dos ensinamentos mais valiosos que recebi. Sob a tutela da Professora Célia, aprendi a integrar conhecimentos de diversas áreas para compreender de forma mais ampla os desafios enfrentados pela região amazônica. Esse enfoque multidisciplinar não apenas enriqueceu meu trabalho, mas também abriu novas perspectivas de análise e intervenção. A ética na pesquisa, especialmente em contextos vulneráveis como o da Amazônia, foi outro aspecto enfatizado pela Professora Célia. Ela me instigava a considerar sempre o impacto de nosso trabalho nas comunidades locais, promovendo uma pesquisa responsável e alinhada com os princípios do desenvolvimento socioambiental. Este ensinamento moldou não apenas a maneira como conduzi meus estudos, mas também a minha percepção sobre a responsabilidade social do acadêmico.

A importância da comunicação eficaz dos resultados da pesquisa foi constantemente reforçada pela Professora Célia, que nos encorajava não apenas a produzir conhecimento científico, mas também a disseminá-lo de forma acessível e engajadora para o público em geral. Esse esforço inclui a comunidade acadêmica e os tomadores de decisão, ressaltando a relevância

de construir pontes entre a pesquisa e a sociedade para promover maior conscientização e ação frente aos desafios enfrentados pela Amazônia. As orientações fornecidas pela Professora Maria Célia Nunes Coelho foram cruciais no desenvolvimento de minha trajetória acadêmica, guiando-me por um caminho de pesquisa ética, responsável e impactante.

Durante o período da minha especialização, entre 1996 e 1997, tive a oportunidade de contribuir significativamente para o campo da Geografia e dos Estudos Regionais através da publicação de três importantes trabalhos. Essas publicações refletem um momento crucial da minha trajetória acadêmica, marcado por um intenso engajamento com a pesquisa e a disseminação de conhecimentos sobre a região amazônica. Essas publicações, resultantes de intensa pesquisa e dedicação, contribuíram significativamente para a compreensão dos processos complexos de transformação territorial na Amazônia. Destacaram a importância da análise geográfica para a avaliação de políticas públicas e o planejamento regional. Além disso, refletiram meu compromisso com a excelência acadêmica e a importância de contribuir para o debate sobre desenvolvimento sustentável e justiça social na região amazônica. Minha jornada acadêmica, sob a orientação da Professora Maria Célia Nunes Coelho, foi uma experiência transformadora que transcendeu a simples acumulação de conhecimento.

Observando os trabalhos conduzidos pela Professora Célia, fui introduzido à complexidade e beleza do corredor da Estrada de Ferro Carajás (EFC), um local de contrastes dramáticos, onde pobreza e riqueza, passado e presente coexistem e interagem diante de novas dinâmicas econômicas e mudanças territoriais. A imersão na região do Bico do Papagaio e a convivência com os trabalhadores rurais, que testemunharam a Guerrilha do Araguaia, foram lições vivas sobre a sociedade amazônica para mim. Serra Pelada, lugar ao qual me aventurei inúmeras vezes, ofereceu-me uma janela para o passado, enriquecendo minha trajetória acadêmica com amizades forjadas naquele solo repleto de histórias. Recordo-me, particularmente, de uma expedição com 90 estudantes de Geografia a Serra Pelada, há cerca de seis anos. A facilidade com a qual dialogava com os garimpeiros locais incitou uma aluna a questionar se eu havia sido um deles, lembrança que me remete às interações com “Gasolina”, um dos pioneiros do garimpo na região.

Minha aspiração ao mestrado, doutorado, estágio pós-doutoral e minha trajetória acadêmica até então têm sido marcadas por uma profunda conexão com o campo, estimulando-me a refletir sobre a região amazônica, seus impactos ambientais e sociais, desafios e conflitos territoriais. Essa conexão, fortalecida pelo suporte inestimável da Professora Maria Célia e de muitos amigos, tem sido decisiva na minha evolução como pesquisador e indivíduo

comprometido com o estudo da Amazônia. A orientação científica de Maria Célia desempenhou um papel crucial em minha formação, incitando-me a adotar uma abordagem holística e reflexiva na pesquisa. Sua ênfase na importância da observação direta e da experiência empírica como fundamentos para a compreensão geográfica e social da Amazônia orientou minha metodologia de estudo e pesquisa. A interação com as comunidades locais e a análise dos impactos socioeconômicos e ambientais da exploração de recursos naturais na região tornaram-se pilares do meu trabalho acadêmico.

Sob sua orientação, aprendi a valorizar cada história e cada diálogo como partes integrantes de um mosaico maior que compõe a complexidade amazônica. Com essa perspectiva, minha pesquisa transcendeu a abordagem quantitativa, abrangendo as dimensões humanas e culturais, essenciais para a compreensão plena da região. Essa abordagem interdisciplinar permitiu-me explorar a intersecção entre geografia, história, sociologia, economia, geologia e ecologia, enriquecendo minha análise sobre como os espaços são vivenciados, transformados e contestados. A orientação de Maria Célia incentivou-me a publicar trabalhos que não apenas contribuem academicamente, mas também dialogam com as comunidades locais, fomentando uma compreensão mútua e o respeito pelos diferentes modos de vida. A jornada acadêmica sob a orientação da Professora Maria Célia Nunes Coelho foi um percurso de descoberta, aprendizado e comprometimento. As lições aprendidas transcendem o ambiente acadêmico, fomentando uma abordagem de vida que valoriza a observação, a reflexão e a ação consciente. Este legado é algo que pretendo perpetuar em minha carreira, esforçando-me não apenas para compreender, mas também para contribuir com as orientações de meus alunos sobre a sustentabilidade e a justiça social na Amazônia.

No segundo semestre de 1996, defendi minha especialização e, simultaneamente, fui aprovado no processo seletivo para o Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES), ofertado pelo NAEA/UFPA. A realização do mestrado interdisciplinar foi decisiva, ampliando significativamente minha compreensão do espaço geográfico e promovendo o diálogo entre a Geografia e outras ciências. Com a orientação constante da Dra. Maria Célia Nunes Coelho, desde a graduação, pude aprofundar a análise sobre a região de Carajás. Este estudo foi enriquecido pelo debate das obras de pensadores como Pierre Bourdieu (1989), especialmente “O Poder Simbólico”, e por autores como Michel Foucault, Guillermo O’Donnell, Norberto Bobbio, Hannah Arendt, além de Claude Raffestin, Paul Claval, Milton Santos, Alain Lipietz, Rosa Acevedo, Edna Castro, Jean Hebette, e os textos e livros da Professora Maria Célia e os artigos de Lúcio Flávio Pinto. Meu envolvimento nessas leituras e

debates ampliou meu universo acadêmico e aprofundou minha compreensão sobre o território amazônico.

Essa imersão em diversos corpos teóricos e metodológicos, sob a orientação de Maria Célia Nunes Coelho, não apenas modelou minha percepção acadêmica, mas também reforçou minha capacidade de contribuir significativamente para a Geografia e o planejamento territorial. Esta orientação permitiu-me discernir a complexidade das interações socioespaciais na Amazônia, evidenciando a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para compreender e intervir nessa realidade. O apoio contínuo, por meio de bolsas de estudo, desempenhou um papel fundamental no meu desenvolvimento acadêmico e profissional, permitindo-me dedicar integralmente à pesquisa e ao aprofundamento teórico. Esta trajetória, rica em aprendizados e descobertas, reafirma a relevância do suporte institucional e financeiro na formação de pesquisadores comprometidos com a geração de conhecimento crítico e transformador.

Delineada pela orientação da Professora Maria Célia e pelo constante apoio de instituições fomentadoras da pesquisa, minha carreira se dedicou ao entendimento e à intervenção no espaço geográfico, com ênfase na região Amazônica. Essa jornada acadêmica, marcada pela interdisciplinaridade e intensa atividade investigativa, reflete o compromisso com uma ciência geográfica que, além de reflexiva e crítica, é aplicada na compreensão e solução dos desafios contemporâneos. A orientação científica da professora Maria Célia Nunes Coelho foi decisiva em minha formação, especialmente na análise dos exercícios de poder em dois municípios que se emanciparam de Marabá na década de 1980: Parauapebas, onde se situavam as principais minas da Vale, e Curionópolis, herdeiro do garimpo de Serra Pelada. Tal orientação possibilitou uma abordagem crítica dos impactos territoriais das atividades mineradoras e um entendimento comparativo da gestão econômica e financeira desses municípios. No mestrado, desenvolvi uma pesquisa que resultou na minha dissertação, defendida em 1999, intitulada “Exercícios de Poder: os exemplos de gestão e viabilidade financeira de Parauapebas e Curionópolis no sudeste do Pará”.

A influência das leituras recomendadas pela professora Maria Célia Nunes Coelho foi decisiva para propor um debate enriquecedor sobre os exercícios de poder. Essa orientação me levou a desenvolver uma compreensão mais profunda sobre como os interesses e os conflitos se manifestam e se rearticulam em diferentes escalas, contribuindo significativamente para meu desenvolvimento como pesquisador. A capacidade de identificar e analisar essas dinâmicas complexas de poder foi crucial para a elaboração da minha dissertação, refletindo a importância da orientação científica na minha formação acadêmica.

Minha trajetória acadêmica foi profundamente influenciada pelo rigor científico e metodológico da professora Maria Célia Nunes Coelho, que me guiou na análise das mudanças territoriais no sudeste do Pará. Aprendi com ela a observar e interpretar como as transformações na malha municipal dessa região, especialmente no eixo Marabá-Parauapebas, refletiam os ajustes no território. Essas mudanças, emblemáticas dos conflitos político-territoriais, representavam uma reconfiguração das dinâmicas de poder na área. A luta pelo poder revelou-se um campo de disputa intenso, onde diversos atores sociais lutavam para assegurar seus interesses, muitas vezes divergentes.

Neste contexto, alguns espaços emergiram como locais de resistência para grupos frequentemente marginalizados das esferas de poder. Essa resistência não apenas contestava a exclusão, mas também evidenciava a reorganização das forças sociais ativas nos conflitos na região de Carajás. A análise dessas relações conflituosas no sudeste paraense, sob a orientação da professora Célia, revelou a complexidade dos exercícios de poder, envolvendo atores com influências variadas e destacando a divisão espacial de poder nos municípios. A dependência econômica desses municípios em relação à mineração adicionava outra camada de complexidade às dinâmicas locais.

Ser aprovado no concurso público para professor de Geografia Humana em 1997 foi um marco em minha carreira. O tema da aula didática, “Os Blocos Internacionais de Poder”, representou um grande desafio. A preparação para esse concurso envolveu uma imersão profunda nas literaturas de Geografia, impulsionada pela metodologia rigorosa da professora Maria Célia. Ela me proporcionava diariamente uma vasta gama de leituras para análise e discussão posterior. Essa rotina intensiva de estudos, aliada aos meus compromissos no mestrado, exigia um sacrifício pessoal significativo, reduzindo meu descanso a apenas três horas por dia. O apoio e a experiência da professora Maria Célia, foram cruciais para fortalecer minha crença na aprovação, apesar do esgotamento físico e mental ao final do processo.

Além do aspecto acadêmico, a interação com a professora Maria Célia também me proporcionou valiosas lições sobre resiliência e dedicação. Os desafios enfrentados exigiam não apenas uma compreensão teórica aprofundada, mas também a capacidade de aplicar esses conhecimentos de forma prática e efetiva nos contextos de ensino e pesquisa. Esse período foi uma jornada de autoconhecimento, ensinando-me a valorizar a disciplina acadêmica e o bem-estar pessoal. A experiência adquirida durante esse período ofereceu-me uma perspectiva única sobre a importância da geografia humana no entendimento das dinâmicas sociais e territoriais. Sob a orientação da professora Maria Célia, desenvolvi uma abordagem crítica e reflexiva, o

que me permitiu contribuir significativamente para o campo da geografia. Esse aprendizado enriqueceu minha prática docente e fortaleceu minha capacidade de contribuir para a construção de um conhecimento crítico e relevante na área, inspirando futuras gerações de geógrafos a explorar as complexas interações entre espaço, poder e sociedade.

Em 1999, após concluir e defender meu mestrado no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), candidatei-me à seleção de doutorado na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Após superar as etapas do processo seletivo, viajei para Florianópolis para participar da seleção na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Felizmente, fui aprovado em ambas as instituições, mas escolhi a UNESP, na Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT). Em março de 2000, iniciei meu doutorado em Geografia na UNESP. Em 2003, entreguei minha tese ao meu orientador professor Eliseu Sposito, e em 3 de março de 2004, defendi-a na Universidade Estadual Paulista, em Presidente Prudente/SP. A banca avaliadora incluiu Dr. Eliseu Saverio Sposito (UNESP), Dr. Nivaldo Espanhol (UNESP), Dr. Messias Modesto Passos (UNESP), Dra. Maria Célia Nunes Coelho (UFRJ) e Dra. Lisandra Pereira Lamoso (UFGD). Essa defesa marcou um momento importante e emocional em minha carreira acadêmica. Durante as longas horas de críticas e considerações, que pareceram eternas, aprendi lições valiosas. Sou imensamente grato por cada crítica construtiva recebida, pois é por meio delas que evoluímos. Recordo-me, em especial, da professora Maria Célia Nunes Coelho, que enfatizou a importância de assimilar as críticas com sabedoria.

Sob a orientação científica da professora Maria Célia Nunes Coelho, minha jornada acadêmica foi significativamente enriquecida. Ela me ensinou a valorizar a profundidade da análise geográfica, enfatizando a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para compreender as complexidades do espaço geográfico. Seu rigor metodológico e sua paixão pela pesquisa se mostraram contagiantes, instigando-me a buscar sempre a excelência em meus trabalhos. A influência da professora Coelho transcendeu as técnicas e metodologias específicas da geografia, inculcando em mim a importância da ética na pesquisa e da responsabilidade social do cientista. Aprendi que o conhecimento produzido deve contribuir de maneira significativa para a sociedade, promovendo não apenas o avanço acadêmico, mas também o desenvolvimento socioambiental e a justiça social.

Essa orientação científica foi fundamental para o desenvolvimento da minha tese, que focou nas dinâmicas espaciais e seus impactos socioambientais na região de Carajás. A visão crítica e o suporte constante da professora Coelho permitiram que minha pesquisa alcançasse um nível de profundidade e abrangência que, acredito, não teriam sido possíveis sem sua



orientação no tempo e no espaço na minha trajetória acadêmica. Refletindo sobre minha trajetória acadêmica, é evidente o impacto transformador da orientação da professora Maria Célia Nunes Coelho em minha formação. Ela não apenas me guiou através dos desafios acadêmicos, mas também moldou minha perspectiva sobre a importância do conhecimento geográfico na compreensão e resolução dos problemas contemporâneos. É com profunda gratidão que reconheço seu papel indispensável em minha jornada.

Sob a orientação científica da professora Maria Célia Nunes Coelho, minha jornada acadêmica foi enriquecida significativamente. A abordagem metodológica e teórica proposta por ela me guiou na crítica às dinâmicas de poder, território e governança em Carajás, enfatizando a importância de uma análise que abrangesse as diversas dimensões e atores envolvidos. Com base nessa orientação, aprofundei-me no estudo das interações entre atores sociais e institucionais, analisando como essas interações configuram a gestão territorial e afetam os processos de decisão política e administrativa nos municípios. A contribuição da professora Coelho foi fundamental para desenvolver uma perspectiva analítica que reconhece a complexidade dos fenômenos sociais e políticos na região, proporcionando uma compreensão ampla e detalhada dos desafios e oportunidades na gestão dos territórios de Carajás. A interdisciplinaridade, sugerida pela professora, permitiu a integração de conhecimentos de geografia, ciência política, economia e sociologia, enriquecendo substancialmente a análise. Esse enfoque multifacetado provou ser essencial para compreender as nuances das dinâmicas locais e regionais, ressaltando a importância de considerar tanto os aspectos econômicos quanto sociais nas estratégias de desenvolvimento e gestão territorial.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA NUNCA MAIS ESQUECER.**

A orientação que recebi foi marcada pelo rigor acadêmico, desempenhando um papel crucial no meu desenvolvimento como professor e pesquisador. Permitiu-me explorar meu potencial ao máximo e enfrentar desafios com confiança. A defesa do doutorado permanece vívida em minha memória, especialmente pelas numerosas questões levantadas pela Dra. Lisandra Lamoso. Posteriormente, fui abordado pela Professora Maria Célia Nunes Coelho que, num gesto de compreensão para aliviar minha tensão, sugeriu que não era necessário responder a todas as perguntas, mas apenas às que eu preferisse. No entanto, optei por responder a todas, e o anúncio da minha aprovação foi um momento de emoção indescritível. As lágrimas derramadas não refletiram apenas alívio e alegria, mas também o reconhecimento de toda a jornada percorrida até ali. A lembrança de minha mãe, quase analfabeta, ansiando ver um filho

na universidade, encheu meu coração de orgulho. Relembrei cada etapa da minha trajetória, desde a infância até aquele dia, superando desafios com o apoio essencial de pessoas como meu orientador, Dr. Eliseu, minha mentora eterna, Maria Célia, e os amigos presentes na minha defesa. Contudo, somente a Professora Célia compreendeu o verdadeiro significado das lágrimas que verti ao ser proclamado doutor.

A excelente orientação científica e acadêmica é fundamental para o sucesso de qualquer pesquisador, especialmente aqueles comprometidos com a sociedade e as dinâmicas socioterritoriais. A orientação de pesquisadores experientes e dedicados, como a Professora Maria Célia Nunes Coelho, desempenha um papel vital na navegação pelas complexidades do processo de pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento de um trabalho rigoroso e socialmente relevante. A orientação eficaz não apenas aprimora as habilidades técnicas e intelectuais, mas também fortalece o compromisso ético e social do pesquisador, permitindo que contribua significativamente para a compreensão e solução dos problemas socioterritoriais.

Um orientador científico e acadêmico de excelência pode inspirar o pesquisador a superar limites e explorar novas perspectivas, incentivando a inovação e a criatividade. Essa orientação é essencial para a construção de uma carreira acadêmica sólida e para o estabelecimento de uma rede de colaboração que sustente e amplie o impacto da pesquisa no mundo real. Através do apoio e do desafio proporcionados pela orientação, o pesquisador pode contribuir de maneira efetiva para o avanço do conhecimento e para o desenvolvimento de soluções inovadoras para os desafios enfrentados pela sociedade e pelo meio ambiente. A orientação científica e acadêmica de alta qualidade é um componente indispensável na formação de pesquisadores capazes de gerar impacto significativo em suas áreas de estudo. O compromisso, a empatia e a experiência dos orientadores são cruciais para moldar a trajetória de pesquisadores que aspiram a fazer a diferença no mundo, enfrentando as complexas questões socioterritoriais com rigor acadêmico, responsabilidade social e paixão pela descoberta.

Uma das manifestações simbólicas de gratidão, repletas de sinceridade, ocorreu em um dos eventos do grupo de pesquisa que coordeno. No ano de 2016, celebramos o 14º aniversário do Grupo Acadêmico Produção do Território e Meio Ambiente na Amazônia (GAPTA, em 2024, completou 22 anos), oportunidade na qual prestamos homenagens a vários professores que foram fundamentais para a Geografia da Amazônia, incluindo Maria Célia.

Na Figura 17, estão presentes, além da professora Célia, eu e meu amigo professor Christian Nunes e nossos orientandos de mestrado e doutorado. Um legado que vai além da orientação, ensinando que devemos aprender sempre e que o conhecimento nunca está

esgotado; ele se renova, e precisamos ser alunos sempre, para nunca esquecer que devemos aprender e contribuir com os outros.

**Figura 17** - Evento do Ciclo de Palestras e Debates do GAPTA na UFPA



Fonte: Acervo do GAPTA, 2016.

A importância de uma excelente orientação científica e acadêmica por pesquisadores comprometidos com a sociedade e as dinâmicas socioterritoriais é inestimável. Orientadores qualificados não apenas transmitem conhecimento, mas também instigam nos estudantes a capacidade crítica e a sensibilidade necessária para compreender e interagir com as complexidades das questões territoriais e ambientais. Eles são mentores que guiam os pesquisadores em formação no desenvolvimento de habilidades analíticas, metodológicas e teóricas, fundamentais para a produção de pesquisas significativas e impactantes.

A orientação comprometida com as dinâmicas socioterritoriais promove uma consciência mais profunda sobre as interações entre sociedade e espaço, incentivando o desenvolvimento de pesquisas que buscam soluções sustentáveis e socialmente justas para os problemas contemporâneos. Orientadores com essa visão contribuem significativamente para a formação de pesquisadores que são não apenas especialistas em seus campos, mas também agentes de mudança social, equipados para enfrentar os desafios do mundo real. O papel dos orientadores vai além do ambiente acadêmico, influenciando a forma como os futuros pesquisadores perceberão e interagirão com a sociedade e o meio ambiente. Através de uma orientação atenta e dedicada, eles moldam o *ethos* dos pesquisadores, incentivando-os a adotar

uma abordagem holística e interdisciplinar em seu trabalho. Essa abordagem não só enriquece a pesquisa acadêmica, mas também fortalece o vínculo entre universidades e comunidades, promovendo uma ciência que é verdadeiramente engajada e responsiva às necessidades da sociedade e do território.

A jornada até a obtenção do título de doutor evidencia a importância do apoio e da inspiração daqueles que nos cercam. Minha mãe, com sua esperança e força, o Dr. Eliseu, com sua orientação precisa, e a Professora Maria Célia, com seu constante encorajamento, foram pilares fundamentais neste processo. Essa rede de suporte não apenas fortaleceu minha resiliência, mas também me ensinou a valorizar a gratidão e o reconhecimento daqueles que contribuem para o nosso sucesso. Assim, a defesa de doutorado não representa apenas a culminação de um período de estudo intenso; ela simboliza, também, um momento de profunda gratidão e reflexão sobre as inúmeras contribuições que nos ajudaram a alcançar esse marco. O reconhecimento e a valorização dessa jornada coletiva são essenciais para que possamos apreciar plenamente cada conquista acadêmica e continuar nosso desenvolvimento humano.

A orientação científica e acadêmica de qualidade é crucial para o sucesso de qualquer pesquisa. Orientadores comprometidos com a sociedade e sensíveis às dinâmicas socioterritoriais podem influenciar significativamente a trajetória e o impacto dos estudos desenvolvidos. Eles não apenas guiam o processo de pesquisa, fornecendo direção técnica e teórica, mas também moldam a forma como os pesquisadores entendem e interagem com suas áreas de estudo. Esta relação mentor-orientando é fundamental para fomentar uma pesquisa que seja socialmente relevante e comprometida com a transformação qualitativa das comunidades envolvidas.

O papel de orientadores na formação de pesquisadores vai além do acompanhamento acadêmico; trata-se de inspirar uma visão crítica e engajada, que empodera o pesquisador a explorar e contribuir para o entendimento e a solução de problemas complexos da sociedade. Portanto, a excelência na orientação científica e acadêmica é um dos pilares para a construção de uma carreira de pesquisa sólida e impactante, refletindo diretamente na qualidade e na relevância dos trabalhos desenvolvidos. Assim, a interação entre pesquisadores e seus orientadores é uma via de mão dupla, na qual o comprometimento, o respeito e a colaboração mútua são essenciais para o crescimento profissional e pessoal. Isso reforça a importância de selecionar orientadores alinhados com os objetivos e valores do pesquisador, assegurando um percurso acadêmico frutífero e um legado significativo para a comunidade científica e para a sociedade em geral. Meu muito obrigado à amiga, professora Dra. Maria Célia Nunes Coelho.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia. Tradução de J. Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989.
- CAPRA, F. O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAPRA, F. O Tao da Física: Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 1983.
- COELHO, M. C. N.; COTA, R. G. Dez Anos da Estrada de Ferro Carajás. Belém: UFPA/NAEA, 1997.
- ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ECO, U. Kant e o Ornitorrinco. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FEYERABEND, P. Adeus à Razão. Tradução de M. G. Segurado; Revisão de A. Fidalgo. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FEYERABEND, P. Contra o Método. Tradução de C. A. Mortari. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- MAGALHÃES, S.; CASTRO, E.; BRITO, R. (Orgs.). Energia na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1996.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. A Nova Aliança: A Metamorfose da Ciência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.
- STENGERS, I. Quem tem Medo de Ciência: ciências e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990.
- PALHETA, J. M. Caminhos e Memórias de um Geógrafo. Belém: GAPTA, 2020.

## APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

### DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

### DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

### OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



### LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



### VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto [iThenticate](https://www.turnitin.com/) da Turnitin, através do serviço [Similarity Check](https://www.similarity.com/) da [Crossref](https://www.crossref.org/).



### PUBLISHER

Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



### HISTÓRICO

Submetido: 30 de setembro de 2024.

Aprovado: 01 de outubro de 2024.

Publicado: 01 de outubro de 2024.